

O assalto à nova Biblioteca de Alexandria

19 de Agosto, 2013 - 23:51h

Tudo aconteceu numa quarta-feira quente, com brisa leve, estando no Egito 83 milhões de habitantes polarizados e desconcertados perante o rumo incerto que seguiu a transição política, iniciada na Praça Tahrir e que encheu de esperança os admiradores da Primavera Árabe, agora transformada num verão sangrento. Artigo de Fernando Báez, publicado no La Vanguardia.

Não era a primeira vez, mas provavelmente também não será a última. A 14 de agosto, enquanto morriam quase 700 seguidores do deposto Presidente Mohamed Morsi no Cairo, um grupo desfilava disperso nas proximidades da biblioteca de Alexandria para exprimir o seu descontentamento contra o governo interino do General Abdul Fath Al-Sisi que tomou o poder em 16 de julho.

Alguns bibliotecários tinham sido avisados de possíveis incidentes impulsivos; em 2011 eles tiveram que proteger o lugar, usando escudos humanos para salvar as estantes da depredação, durante duas semanas. Uma medida extrema que não se conseguiu repetir nestes dias, porque a surpresa é sempre órfã e hoje predomina uma enorme divisão entre os trabalhadores e o diretor Ismail Serageldin, uma autoridade que sobreviveu ao colapso de Hosni Mubarak.

Tudo aconteceu numa quarta-feira quente, com brisa leve, estando no Egito 83 milhões de habitantes polarizados e desconcertados perante o rumo incerto que seguiu a transição política, iniciada na Praça Tahrir e que encheu de esperança os admiradores da Primavera Árabe, agora transformada num verão sangrento.

Às ruas de Alexandria, a segunda cidade mais importante, chegavam notícias dos confrontos na capital e noutras regiões, enquanto a raiva acumulada aumentava; já se sabia que algumas frações, por vingança, haviam ateado fogo a 23 mosteiros e igrejas de cristãos coptas nos distritos de Delga, Deir Mawas e Minya. No Suez queimaram as Escolas Católicas e Franciscanas; em Luxor, lojas com objetos cristãos. O prelúdio de uma guerra civil, religiosa e étnica, como o da Síria ou do Mali.

Após uma primeira tentativa fracassada, sucedeu o inevitável durante a tarde, quando se soube que algumas mesquitas como a de Rabaa al-Adawiya ardiam em chamas e que uma multidão começou a vandalizar o edifício moderno da Maktabat al- Iskandar^[i] ou Bibliotheka Alexandrina; pintaram graffiti nos muros, atravessaram a praça central, partiram os quiosques das livrarias próximas, chegaram à Sala de Conferências, destruíram o que encontraram no seu caminho e começaram a atirar pedras aos vidros da entrada principal.

Contra toda a lógica, o eco que precedeu o grito; alguns polícias caíram feridos e foi então que se tornou possível compreender que alguns manifestantes estavam a disparar e a causar o pânico, até que as forças de segurança conseguiram deter os distúrbios impedindo a queima das coleções. Já na madrugada permaneceu apenas uma biblioteca fantasma, rodeada por blindados antimotim, centenas de polícias e instalações fechadas, cheias de detritos, fumaça, pedras e vidros.

Na cidade e no resto da comunidade internacional seguidores entusiastas rebentaram em lágrimas pensando o que poderia acontecer e que, infelizmente, pode continuar a passar-se porque a luta está só na sua infância e a desestabilização é maior sem mediadores nem diálogo. De facto, a confirmação do pior foi que a denúncia de 15 de agosto feita pelo ministro do Conselho das Antiguidades, Mohamed Ibrahim, o qual assinalou que o Museu do Malawi tinha sido saqueado, arrasado e bens culturais incríveis retirados. É conhecido, com informações a partir de fontes da Interpol, que bandos criminosos globais se aproveitam da situação para realizar saques maciços de antiguidades nos assentamentos, como já fizeram no Iraque ou na Síria, Iémen e Afeganistão.

O temor que existe não é infundado, além do mais, porque o Egito, à sua própria maneira, é uma antologia da história da humanidade. Do Egito saíram papiros, como saiu Moisés para o exílio, para divulgar Homero e Aristóteles; de lá veio a criação do código^[i]. No Egito se traduziu a Bíblia para o grego e se concluiu a elaboração da primeira versão canónica. No Egito se mediu o tamanho da terra e Cláudio Ptolomeu propôs o modelo do universo que se manteve em vigor até Copérnico.

Durante a era dos faraós, 30 Dinastias ergueram monumentos como a Grande Pirâmide, que se manteve por 4500 anos como o edifício mais alto da terra e a única das sete maravilhas antigas que resistiu. Nestes pontos, que deveriam ser turísticos, as Pirâmides e a Esfinge foram abandonados por visitantes e arqueólogos em fuga em busca de refúgio.

É curioso, mas o país que hoje se associa com a melhor biblioteca clássica foi o primeiro cemitério de livros do mundo: a Geniza do Cairo, um espaço na sinagoga para armazenar manuscritos ou cópias com versos ou textos sagrados, danificados por acidentes, desgaste ou danos por insetos.

Outro motivo para cautela e desconfiança é o passado recente de devastação. Ainda está fresco na memória dos leitores que a 18 de dezembro de 2011 foi incendiado o edifício da Academia das Ciências, que albergava 200.000 materiais desde o século 18 e obras como *Description de l'Égypte*^[ii].

A agressão recente contra a nova biblioteca de Alexandria, não foi apenas contra uma instituição mas sim contra um conceito de conhecimento compartilhado que hoje tem o seu melhor reflexo na Internet. Talvez conviesse, por isso mesmo, lembrar que a estrutura atual,

oficialmente inaugurada em 2002, foi uma homenagem, concebida entre o povo egípcio e a UNESCO, à biblioteca singular que existiu na cidade e que prestava tributo ao conquistador Alexandre o Grande, a mais famosa e a maior durante séculos.

Também, é verdade, foi um dos lugares mais perseguidos e atacados em todas as suas etapas. A primeira biblioteca foi criada por Demétrio de Falero no século 3 A.C. Num momento inicial, o rei Ptolomeu acreditava que podia reunir 500.000 rolos de papiro, mas esse magnífico esforço foi ensombrado por uma sucessão interminável de fogos ou assassinatos: o fundador foi assassinado assim como a bibliotecária e matemática Hipátia.

Existe uma controvérsia, ainda em vigor, sobre se a biblioteca foi destruída pelos cristãos ou pelos árabes. E, claro, não falta sequer uma lenda como em toda boa crônica.

Aparentemente, o comandante que conquistou o Egito perguntou a Omar I o que fazer com os livros de uma biblioteca tão descomunal com muitos livros gregos. A carta foi andando de mão em mão, pelo deserto e levada em camelos, até chegar de volta com o temido parecer: «se os livros contêm a mesma doutrina do Corão, não servem para nada porque só repetem; se os livros não estão em conformidade com a doutrina do Corão, não tem sentido conservá-los.»

O soldado pensou talvez que era uma pena, mas foi obediente, de acordo com o cronista árabe Abd al-Latif, e não vacilou em cumprir a ordem recebida: «a biblioteca de Alexandria foi queimada e totalmente destruída». Episódio verdadeiro ou falso, somente 15 séculos mais tarde a biblioteca poderia ressurgir das suas cinzas para voltar a estar em risco no século 21.

"Ninguém conseguiu entender o que Alexandria significa", disse-me um jovem guia turístico, enquanto me ele explicava o valor literário duma cidade onde nasceram personagens como Ungaretti, Hobsbawm, Cavafys, um porto próspero e cosmopolita que o romancista Lawrence Durrell soube descrever. De regresso ao hotel, há apenas umas semanas, fui procurar o exemplar de um livro pela biblioteca nova, distinta pelo seu mural em dezenas de línguas, e já cansado e ao mesmo tempo taciturno, confesso que pensei muito sobre a verdade do que foi dito pelo funcionário quando a encontrei fechada: Alexandria é certamente um jogo de palavras cruzadas da outra margem do Mediterrâneo onde 5 civilizações se encontraram ao afirmar um signo de identidade universal.

Hoje, perante a violência incessante que voltou a deixar mais destruição, faço um apelo para salvar a nova biblioteca de Alexandria. Não é uma mera formalidade que todos os líderes egípcios devem cumprir por compromisso; é uma conjuntura mundial em que todos devemos escolher entre a preservação da memória coletiva ou o retorno ao caos. Recordemos que nunca é tarde mesmo se falta o tempo.

Fernando Báez é autor de *Nueva historia universal de la destrucción de libros* (Destino, 2011). Vive no Egito.

Artigo traduzido para espanhol na edição impressa do La Vanguardia de 18 de agosto de 2013.

Tradução de **Paula Sequeiros** feita a partir do texto original do autor.

Outros artigos de Fernando Báez no esquerda.net:

[?As maravilhas perdidas do mundo?](#) ^[1]

[Assange, Wikileaks e a censura no século XXI](#) ^[2]

[?Cada fotografia é um pedaço de memória e de recordação?](#) ^[3]

[i] o códice (*codex*, palavra latina para livro, bloco de madeira) era um manuscrito gravado em madeira, em uso desde a Antiguidade tardia até à Idade Média na Europa; foi um avanço em relação ao rolo de pergaminho, que substituiu gradualmente, sendo depois substituído pelo livro impresso (nota adaptada da Wikipédia).

[ii] série de publicações de 1809-1829, em que cerca de 160 estudiosos e cientistas civis e 2000 artistas e técnicos, que acompanharam Napoleão na Campanha do Egito, pretenderam descrever o antigo e moderno Egito (nota adaptada da Wikipédia).

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/o-assalto-%C3%A0-nova-biblioteca-de-alexandria/29059>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/artigo/?-maravilhas-perdidas-do-mundo?/26556>

[2] <http://www.esquerda.net/artigo/assange-wikileaks-e-censura-no-século-xxi/24483>

[3] <http://www.esquerda.net/artigo/?cada-fotografia-é-um-pedaço-de-memória-e-de-recordação?>